Configurações de gênero no contexto de trabalho precário

Izaque Machado Ribeiro - UFRGS. izaqueribeiro@yahoo.com.br
Priscila Pavan Detoni - UFRGS. pridetoni@yahoo.com.br
Daiane Maus Marques - UFRGS. daianemaus@gmail.com
Lissandra Vieira Soares – UFRGS. lissandra.soares@yahoo.com.br
Henrique Caetano Nardi – UFRGS. hcnardi@terra.com.br

Palavras-chave: relações de gênero, divisão sexual do trabalho, trabalho precário, catadores

Apresentação

Neste texto analisaremos o trabalho das/os catadoras/es de material reciclável em um município de médio porte situado no interior do Rio Grande do Sul. Centraremos a discussão na forma como se configuram as relações de gênero em um trabalho que pode ser chamado de precário, quando consideramos a quase inexistência de suportes sociais. Nossa reflexão se nutre de observações-participantes durante dois anos e meio, (2005-2008) de um grupo de catadoras/es. Também faz parte desta discussão a recente aproximação com catadoras/es da região metropolitana de Porto Alegre.

Utilizamos como estratégia metodológica a pesquisa participante. Lakatos e Marconi (1985) a definem como uma estratégia que não possui planejamento prévio à prática, ela é construída de maneira conjunta com os sujeitos da pesquisa.

As questões trazidas pelas/os catadoras/es foram debatidas de forma informal, no espaço do próprio galpão ou na rua quando acompanhávamos o seu trabalho. As discussões envolvendo questões de gênero no trabalho surgiam neste espaço que foi se constituindo aos poucos.

No decorrer deste texto, com a ajuda de alguns autores, buscaremos uma linha teórica que ajude a pensar as relações de gênero na interface com o trabalho precário. Atentaremos também para as possibilidades e limites do pensar sobre estas relações e lançaremos, ao final, alguns questionamentos advindos das práticas realizadas até agora.

2 A divisão sexual do trabalho, as relações sociais de sexo e o trabalho precário

A maioria das/os autoras/es que escolhemos trazer para a discussão sobre as relações de gênero na interface com o trabalho precário têm suas pesquisas influenciadas pela perspectiva feminista de cunho socialista. Segundo Nogueira (2001), o feminismo socialista usa como argumento central a suposição de que a atual subordinação das mulheres na sociedade é conseqüência do capitalismo. Por se tratar dessa perspectiva, não utilizaremos o termo “relações de gênero” e sim, “relações sociais de sexo”. Hirata (2002, p. 278), as define como “as interpretações das relações sociais sexuadas e da divisão sexual do trabalho (...) campo das ‘pesquisas feministas e das pesquisas sobre as mulheres’[...].”

As/os feministas socialistas pregam a igualdade entre os sexos e enfatizam a importância da luta histórica contra a dominação masculina. Neste contexto, afirmam que “a exploração por meio do trabalho assalariado e a exploração do feminino pelo masculino são indissociáveis, sendo a esfera das relações de classe aquela em que, simultaneamente é exercido o poder dos homens sobre as mulheres” (HIRATA 2002, p. 277). O conceito de divisão sexual do trabalho surge na França em 1970, fortemente

influenciada pelo movimento feminista da época. De acordo com Kergoat (2003), a divisão sexual do trabalho é a forma como ocorre em determinado contexto histórico a divisão do trabalho a partir das relações sociais de sexo. Esta concepção coloca os homens como senhores do espaço público e da produção enquanto às mulheres é destinado o espaço privado e a reprodução. Kergoat (2003, p. 56) afirma que essa forma de divisão social do trabalho opera a partir de dois princípios: "o princípio da separação - existem trabalhos de homens e de mulheres – e o princípio de hierarquização – um trabalho de homem vale mais que um trabalho de mulher." Hirata e Kergoat (2007) afirmam que estes princípios são legitimados pela ideologia naturalista que rebaixa o gênero ao sexo biológico e coloca as práticas sexuais no nível de papéis sociais sexuados, concordando que há um destino natural à espécie.

As relações sociais de sexo são consideradas por Kergoat (2003) como um tensionamento que atravessa o campo social e produz certos fenômenos sociais. O que está em jogo na produção destes fenômenos constitui os interesses antagônicos entre homens e mulheres. A partir das disputas entre grupos masculinos e femininos na esfera do trabalho, a autora apresenta as seguintes proposições: "relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho são duas expressões indissociáveis e que formam epistemologicamente um sistema; a divisão sexual do trabalho tem o status de *enjeux*[1] das relações sociais de sexo" (KERGOAT, 2003, p.58).

Aliado a esta discussão das relações sociais de sexo e da divisão sexual do trabalho, pensaremos o trabalho precário, o qual cresce como reflexo das políticas neoliberais surgidas com a globalização, em meados da década de 1990. Consideramos este debate importante na medida em que essa forma de trabalho faz parte do cotidiano das/os catadoras/es de material reciclável. Hirata (2009) define o trabalho precário a partir de três indicadores: ausência de proteção social e de direitos sociais; horas reduzidas de trabalho e, consequentemente, salários baixos e baixos níveis de qualificação. Esses indicadores, afirma a autora, "direcionam-se para uma marcada divisão sexual da precariedade, já que as mulheres são mais numerosas do que os homens tanto no trabalho informal quanto no trabalho em tempo parcial." (HIRATA, p. 26, 2009).

As/os catadoras/es são exemplos, portanto, de trabalhadoras/es que encontram-se à margem do sistema de proteções sociais que o Estado oferece. Ainda, segundo Girard (2002), são as mulheres que em maior número aparecem realizando atividades no setor informal, em postos de trabalho precários ou trabalhando de forma parcial. Elas conseguem mais empregos do que os homens, porém, ocupam posições mais vulneráveis do que eles.

Acreditamos que o que foi exposto acima, sobre as relações sociais de sexo e trabalho, pode nos ajudar a pensar como estes temas se cruzam e o quanto que, olhando dessa maneira, esse entrecruzamento pode aumentar os níveis de precariedade no trabalho realizado pelas catadoras. A seguir, apresentaremos algumas situações vivenciadas no cotidiano das/os catadoras/es que podem nos ajudar a entender melhor estas questões.

Convivências: um pouco da história da associação de catadoras/es

A associação de catadoras/es onde realizamos nossa observação principal situa-se em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, com aproximadamente cinqüenta mil habitantes. Durante o período de dois anos e meio foi possível fazer uma

[1] Conforme a tradução desta autora significa algo que "está em jogo, em disputa, desafio."

aproximação bastante intensa com os modos de viver e trabalhar das/os catadoras/es de material reciclável e participar de alguns momentos importantes da história destas pessoas. O galpão da associação (ou somente "galpão" como as/os catadoras/es chamavam), era partilhado por dez a quinze associadas/os e estava localizado no distrito industrial da cidade, num local bastante distante dos pontos de coleta de material reciclável (as residências e o comércio), isso tornava necessário percorrer um longo caminho a pé, puxando o carrinho carregado com os materiais coletados. Antes de estar nesse local, o galpão se estabeleceu em dois pontos próximos ao centro da cidade. No primeiro, as/os catadoras/es ficaram alguns anos até ele ser destruído por um incêndio. No segundo, cedido pela prefeitura, as/os catadoras/es ficaram menos de dois anos e tiveram que sair por pressão dos moradores que alegavam ser aquele um lugar central e que não poderia ter "galpões de lixo" ao seu redor. Nessas idas e vindas dos galpões, percebemos o caráter nômade destas/es trabalhadoras/es não só no sentido de transitar pelas ruas da cidade exercendo a atividade de catação mas também, de não ter um galpão que seja um ponto fixo para descarregar e processar o material coletado.

Talvez possamos afirmar que esse caráter de nomadismo/transitoriedade/instabilidade presente no atual cenário sócio-econômico mundial esteja presente de forma mais intensa nas relações de trabalho das/os catadoras/es, tornando-as mais precárias. Podemos citar como exemplo dessa transitoriedade, o fato das relações de trabalho serem marcadas pela instabilidade, condicionadas, em alguns casos, pela necessidade de trabalhar em locais onde se possa ganhar mais. Às vezes, a questão é trabalhar em locais onde exista a possibilidade de ter a carteira de trabalho assinada, reforçando neste caso, a importância da propriedade social[2] na constituição de laços sociais mais firmes.

Dentro e fora do galpão: mais movimentos

Na convivência com estas/es trabalhadoras/es, observamos situações corriqueiras que chamavam a atenção para o quanto a questão das relações sociais de sexo se fazem presente no trabalho exercido pelas/os catadoras/es e como as mulheres catadoras ocupavam posições que as colocavam em desvantagem em relação a seus colegas de trabalho. Em geral, as atividades das/os catadoras/es eram realizadas em dois ambientes: na rua e no galpão e, quem trabalhava dentro do galpão, dificilmente saía à rua catar.

Havia claramente uma divisão espacial e territorial que era definida tendo como pano de fundo a hierarquização das atividades ligada ao sexo de quem as exercia. Desta forma, "a divisão sexual do trabalho é sempre estruturada por um princípio hierárquico: o trabalho masculino tem sempre um valor superior ao feminino" (HIRATA apud KERGOAT, 1993, p.134). Podíamos observar, por exemplo, que a operação do equipamento que prensava os materiais recicláveis (depois de passarem pelo processo de triagem) era feita exclusivamente por homens. Esta atividade, além de demandar bastante força de quem a executasse exigia certo entendimento técnico e também no caso de desatenção do seu operador, tinha um alto risco de acidentes – "não é qualquer um que mexe aqui" - dizia a coordenadora do galpão. Os consertos nos carrinhos, utilizados na coleta do material reciclável, como troca de pneus, de rolamentos e soldas, também eram realizados pelos catadores.

---

[2] Robert Castel (1998) conceitua propriedade social como aquela que possibilita aos indivíduos fazer valer de forma igualitária os direitos de cidadão estabelecidos pelo Estado. Como análogo da propriedade privada, é uma propriedade que gera segurança.

As catadoras, por sua vez, exerciam atividades predominantemente manuais como separar em vários compartimentos os diversos tipos de papel. Essa era uma atividade que exigia certa perícia e sensibilidade, já que para realizar a separação era necessário esfregar com a ponta dos dedos o papel para sentir a sua textura e assim classificá-lo. É possível afirmar que em relação aos catadores - que realizavam as atividades da prensagem e dos consertos em geral - e as catadoras que realizavam as atividades que necessitavam maior sensibilidade, presenciávamos o que Hirata (2002) denomina a "dicotomia da qualificação para uns e da qualidade para as outras", fundamentada na oposição clássica entre natureza e cultura, onde as qualificações masculinas são construídas e aceitas socialmente e as qualidades femininas permanecem no nível individual, biológico e da essência. Dessa maneira, a prensa era um lugar destinado a quem tinha qualidade. Quando ouvimos a fala da coordenadora (não é qualquer um que mexe aqui), notamos que ela utiliza o enunciado da qualificação reconhecendo o homem como possuidor de conhecimentos que o tornam mais "apto" do que a mulher a exercer algumas atividades. "Neste caso, as relações sociais de sexo se articulam com as relações de classe, definindo uma condição de gênero diferenciada no processo de trabalho, o que significa que ser trabalhador não era o mesmo que ser trabalhadora" (BRITO & OLIVEIRA, 1997, p.246).

O trabalho de catação nas ruas muitas vezes trazia a necessidade de contato com pessoas que não faziam parte do universo da catadora ou do catador. Esse contato com o "estranho" favorecia muitas vezes o surgimento de relações amistosas ou, ao contrário, pouco amigáveis que as/os colocavam em situações constrangedoras. A situação abaixo exemplifica um pouco isso:

> Ontem fui humilhada com nunca antes havia sido! Tava indo pegá umas caixa numa lixeira, daí (chorando) um advogado, uma pessoa estudada, me chamou de ladra. Gritou na frente de muita gente que eu era uma ladra e eu comecei a chorá na frente dele, então meu filho chegô da outra lixera e pergunto porque eu tava assim. O homem disse que era um teste que ele tava fazendo comigo quando meu guri chegou, e o homem saiu rindo de mim. Agora tô arrasada. Essa noite quase não dormi e pensei em pará de trabalhá como catadora, mas é que não posso, porque além de ter gostado muito desse serviço, tenho que sustentá meus filhos. [...] O problema é que agora tenho vergonha de chegá nas lixeras, se tem alguém na frente ou perto delas, não chego, parece que vão me xingá. (RAMOS et al. 2007, p. 100).

Neste exemplo em que a catadora é humilhada pelo advogado - morador da residência em frente à lixeira - percebemos o entrecruzamento das relações de poder e nos perguntamos se não podemos fazer a análise desse fato a partir do enfoque das relações sociais de sexo. Essa questão é levantada porque observamos uma mudança de atitude do advogado quando ele percebe a aproximação do filho da catadora, ele pede desculpas e diz que estava brincando com ela. Acreditamos que a postura desse morador - antes e depois da chegada do filho da catadora - se deva ao fato desta ser mulher e mãe, e é possível que ele partilhe de uma concepção sexista que encara o sexo feminino como inferior, mas que encontra nesta situação subalterna uma proteção na maternidade. Não podemos deixar de ressaltar que além de ser mulher, ela era negra, pobre e tinha pouco estudo, daí a importância de também olharmos essa situação através dos enfoques de classe e raça.

Considerações para uma futura pesquisa

A partir do relato das experiências vivenciadas pelas/os catadoras/es, podemos inferir que a precariedade é maior no seu contexto de trabalho quando analisamos as relações de trabalho pela ótica da divisão sexual do trabalho e das relações sociais de sexo. Sabemos que permanecem algumas desvantagens históricas das mulheres em relação aos homens nas diversas "camadas sociais." Também sabemos que houve avanços; entretanto, ao enfocarmos a pobreza e utilizarmos o exemplo das/os catadoras/es, veremos que as coisas andam mais devagar, pois a participação do Estado é mínima, recente, ou inexistente em alguns casos.

No caso da pesquisa que iniciamos na região metropolitana de Porto Alegre, o desafio é pensar as diversas configurações das relações de gênero – buscaremos confrontar a perspectiva das teóricas do gênero com as teóricas feministas socialistas - presentes no trabalho das catadoras/es e o como elas modelam formas de agir e ser no trabalho.

Através da convivência com as/os catadoras/es foi possível observar que apesar de haver potencial para isso, há pouco espaço para discussão sobre relações sociais de sexo no trabalho das/os catadoras/es e essa falta de espaço é aumentada, na medida em que trabalha-se para sobreviver, ou seja, num contexto onde as relações de trabalho são marcadas pela precariedade. Ali a discussão sobre gênero fica em segundo plano, as mulheres participam pouco e os homens praticamente não participam dos debates, além de condenar, muitas vezes, a participação das mulheres.

A partir deste texto, foi possível ver alguns elementos de um contexto específico, mas que podem nos ajudar a pensar uma análise inspirada na genealogia foucaultiana, o que propomos para a continuidade do trabalho. Esta ferramenta busca o "acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização destes saberes nas táticas atuais" (FOUCAULT, 1996, p. 171). Pensamos que a genealogia poderá nos ajudar a compreender a história do local pesquisado, refletindo sobre as possibilidades de construir relações mais horizontais (ou não) entre os sexos no cotidiano de trabalho das/os catadoras/es.

5 Referências

BRITO, Jussara; OLIVEIRA, Simone. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: A **Danação do Trabalho: relações de trabalho e o sofrimento.** Rio de Janeiro, Te Corá Editora, 1997.

CASTEL, Robert, **As Metamorfoses da Questão Social:** uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel, Genealogia e Poder. In: **Microfísica do Poder.** Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GIRARD, Christiane F. N. **Dossiê Globalização e Trabalho:** perspectivas de gênero. Brasília: CFMEA; FIG/CIDA, 2002. Disponível em: http://www.cfemea.org.br/pdf/dossiegtpg.pdf. Acesso em: 25 jul 2009.

HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. *Sociologias*, on-line, Porto Alegre, ano 11, n.21, jan-junho, 2009. Disponível:

http://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8854. Acesso em: 02 ago 2009. ISSN 1807-0337.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, on-line, São Paulo, n.132, set-dezembro, 2007. Disponível: http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf. Acesso em: 10 out 2009. ISSN 0100-1574.

HIRATA, Helena. Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

KERGOAT, Danièle. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.: **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Ed. Atlas, 1985.

NOGUEIRA, Conceição. **Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Gênero:** Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social. Braga, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

RAMOS, Aline Mutschal; RIBEIRO, Izaque Machado; RIGONI, Rafaela de Quadros. **"Eu Sou a Sobrevivente do Que Você Joga Fora, Ou:** os processos de subjetivação no trabalho de catação. Frederico Westphalen: URI, 2007. Disponível em: http://www.sicoda.fw.uri.br/revistas/cienciashumanas/verartigo.php?cod_art=88&cod_edi=8. Acesso em: 13 out 2009.